

COSTA, Paulo de Tarso. Nas ruas da cidade, um dos frutos da Juventude Musical. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 dez. 1975.

Nas ruas da cidade, um dos frutos

da Juventude Musical

PAULO DE TARSO COSTA

“O grão de milho permanece só até que caia ao solo e morra. Mas, se morrer, produzirá muito fruto, versos de um encarte do programa do Festival de Natal, do Movimento Mario de Andrade, que praticamente encerrou ontem as atividades culturais deste ano.

Há 10 anos, no dia 20 de agosto de 1965, o antigo Teatro Paramount estava apinhado de uma estranha gente. Era uma lotação de fazer inveja às apresentações de ié-ié-ié da Record. E era muito estranha para o espetáculo que seria levado: um concerto da Orquestra Filarmonica. “Musica erudita só interessa a gente velha”, repetia a maioria cética. E o Teatro Paramount fora lotado por jovens de 3 a 18 anos, que se foram acomodando, primeiro, nas poltronas, depois, no galpão, nos corredores, no chão, por todo canto. Para ver Howard Mitchell reger a Filarmonica apresentando o “Carnaval”, de Dvorak, as “Três Danças Brasileiras”, de Camargo Guarnieri, entre outras peças, e a solista Ariane Pfister. O I Grande Concerto de Juventude, da Filarmonica, foi o maior acontecimento da Juventude Musical de São Paulo, na ocasião.

A Juventude Musical, criada em junho, sem nenhuma filiação econômica ou partidária, tinha em vista estimular a iniciativa dos jovens, em qualquer campo de atividade artística e cultural. A musica era o elo de ligação com as outras artes.

O Movimento Mario de Andrade, hoje, é um dos frutos da Juventude Musical de São Paulo. Que não morreu. Apenas evoluiu, transformando-se e se multiplicando.

A Juventude, idéia de José Luis Paes Nunes, nasceu com o decidido apoio que teve da Orquestra Filarmonica e do “Estado de S. Paulo”, ganhando em seguida a colaboração do antigo Canal 9, por meio de Bibi Ferreira, que também fez parte do seu Conselho de Administração, além da Pré-Arte, da Sociedade de Cultura Artística e da Liga das Senhoras Católicas. “Embora eles (a família Mesquita) não gostem que se fique dizendo isso, eu atribuo 50% disso tudo ao apoio que “O Estado” sempre deu, o tempo todo”, diz José Luis, que atualmente dirige o Movimento Mario de Andrade. E o antigo movimento da Juventude Musical ainda se deve a um grupo enorme de jovens entusiastas. Entusiastas, embora não muito abnegados. Mas que de-

ram uma efetiva contribuição para a Juventude. E, hoje, quase tudo que se está colhendo, em termos de movimentos corais, ações culturais e o próprio programa de interiorização da cultura, desenvolvido pela Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do governo do Estado, de uma certa forma é um pouco fruto da Juventude Musical.

INTERIORIZAÇÃO

Muito antes de se falar em interiorização da cultura, bem antes das exposições da Pinacoteca do Estado serem levadas para o Interior por Delmiro Gonçalves, no tempo em que dirigiu esse museu, a Juventude Musical já procurava maior ligação com as cidades do Interior. No dia 23 de setembro de 1965 seu Conselho Artístico já anunciava a formação de centros do movimento no Interior. E promovia não só os membros de fora a Capital, oferecendo até 70% de desconto para os concertos. Em março de 1966, em

Salto, onde apresentaram um programa de musicas coloniais brasileiras e o “Divertimento K. 138” de Mozart.

No ano seguinte, em maio de 1966, promoveram um grande espetáculo no auditório da Secretaria da Educação e Cultura de Campinas, patrocinado pelo “Jornal da Tarde”. Foi um recital do pianista polonês Witold Malcuzyński, que se envolveu tanto com o entusiasmo da Juventude, que cancelou duas de suas audições, programadas para essa excursão que fazia, na ocasião à América do Sul, para ir a Campinas. E José Luis acabou contratando uma transportadora especializada para levar seu piano Essenfelder de cauda inteira, o último que o velho Essenfelder tinha feito antes de morrer, e que ele tinha comprado há pouco tempo. Apesar de todos os cuidados da transportadora, o piano acabou levando uma pequena batida. Mesmo assim, Malcuzyński se entusiasmou tanto com o som do piano, com José Luis, com a alegria da juventude que lotou o auditório e ainda se espalhou pelo gramado onde tinham sido instalados alto-falantes, com o Coral do Liceu Pasteur, dirigido por Lourenço, que lhe prestou uma homenagem apresentando peças típicas do folclore brasileiro, que o pianista antes de ir embora deixou seu autógrafo no piano. O recital de Malcuzyński abriu o I Salão de Arte Moderna da Juventude, iniciativa do núcleo local da JMSP.

Mas a Juventude não tinha recursos. Nunca teve. Tudo era feito com a participação de cada um, para as despesas de locomoção, e com o apoio da iniciativa privada.

Mesmo assim, em um ano e quatro meses, fez mais seis excursões em conjunto com o antigo CETE — Centro de Turismo para Estudantes — dirigido por Clycie Mendes Carneiro. Ainda em 65, vários ônibus, lotados de estudantes foram a Descalvado, na Fazenda de Alda e Bruno Hollnagel onde a organista ofereceu um recital de cravo e órgão, e um grupo amador ainda encenou a peça “Raízes”. Outras excursões foram feitas com o Madrigal da Universidade da Bahia, que foi levado a Santos, Piracicaba, São José dos Campos e Salto.

Em outubro de 1966, mais de 100 jovens foram passar dois dias na Aldeia do Arcozelo, a convite de Paschoal Carlos Magno. Foi um intenso programa de apresentações musicais do Trio Bela Bartok, do Musikantiga, de recitais de poesia de Julio Mackenzie e de musicas folclóricas apresentadas por Fernando Lebeis. E, ao lado do programa, Marcelo Nitsche deu aulas de pintura para as crianças.

Houve ainda diversas excursões de jovens de núcleos do Interior para a Capital, como a de maio de 66, que trouxe 10 ônibus de várias cidades para a abertura dos concertos da Filarmonica desse ano, espetáculo dirigido por Simon Blech, com a participação de Malcuzyński, sob patrocínio da Rhodia e Willys, no Canal 9, que funcionava nessa ocasião nas instalações do antigo Teatro de Cultura Artística.

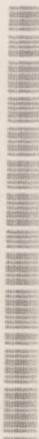
Além do núcleo da Juventude Musical de Campinas, chegaram a ser criados outros centros em São José dos Campos, Batatais, Franca, Ribeirão Preto, Salto, Santos e diversas outras cidades. Só na Capital, em 1966, havia cerca de 400 núcleos da Juventude, em es-

colas, universidades e associações regionais.

FUTURO NA PRAÇA

A partir do início de 66, a Juventude passou a promover um novo tipo de atividade, que já vinha sendo desenvolvido anonimamente desde o começo do ano anterior: “Pintura na Praça”. Um grupo de jovens artistas, cansados e desiludidos com suas aulas particulares de pintura, resolvera ensinar sua arte de graça para as crianças que frequentavam a praça da Republica nas manhãs de do-

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029875

COSTA, Paulo de Tarso. Nas ruas da cidade, um dos frutos da Juventude Musical. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 dez. 1975.

mingo. Talvez tenha até sido um embrião para a chamada "Feira Hippy" que ali se instalaria depois e que hoje se encontra tão desvirtuada.

Mas aquele grupo teve de acabar se mudando para a praça D. José Gaspar, atrás da Biblioteca Municipal. E, agora, com o apoio da Juventude, divulgando e incentivando o que vinham fazendo, Maria do Carmo Gross, Anna Cristina Rocco, Iza Ribeiro e Marcelo Nitsche contavam com mais recursos de particulares e empresas que doavam lapis, papel, pincel e tintas para seus alunos. Cerca de 200 crianças, de 3 a 16 anos, frequentavam esses cursos. Enquanto os menores procuravam dar vazão à imaginação, fazendo barcos, lagos, praias, os maiores se apegavam mais às imagens que a própria praça oferecia. Os professores deixavam sempre prevalecer a opinião dos alunos, dando-lhes permanente atenção.

Esse tipo de iniciativa era que interessava à Juventude. E o próprio espírito dos professores era o espírito da Juventude. Depois, a música era apenas o elo de ligação com as demais artes.

Desde outubro de 65 a Juventude vinha promovendo visitas de seus grupos a museus, acertando os encontros com professores, especialistas em artes plásticas e diretores de vários museus para acompanhá-los, mostrando escolas e tendências. Ao mesmo tempo, incentivava e promovia palestras sobre arquitetura e seu desenvolvimento histórico no Brasil, contando para tanto com a participação do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Seção de São Paulo.

VILLA-LOBOS

Depois de permanecer em uma espécie de letargia durante os anos de 67 e 68, ressurgiu em 1969 com o Movimento de Corais Villa-Lobos, agora com o apoio do governo do Estado. Esse trabalho foi desenvolvido entre 1969 e 1970, durante o período em que José Luis Paes Nunes foi presidente da Comissão Estadual de Música, sendo o Movimento sua plataforma de trabalho.

Mantendo, em linhas gerais, a mesma idéia da Juventude, o objetivo do Movimento Villa-Lobos era a criação de núcleos corais no Interior. Com esse trabalho, José Luis aprendeu que era muito mais fácil a polarização de um movimento cultural, por meio de corais. "O

coral é acima de tudo uma associação. E é muito mais fácil reunir gente com o coral, que todo mundo canta ou pode cantar, não importando muito o nível cultural. E só trabalhar em cima das vozes".

E como a "música reúne valores diversos, podemos partir daí para os outros campos das artes".

E nesse trabalho foram sendo descobertos valores até então inteiramente desconhecidos, como o caso de um coral de Presidente Prudente, que incluía no seu repertório obras de Villa-Lobos, Camargo Guar-

nieri, Oswaldo Lacerda, Luciano Gallet e outros. Sem contar os autores da Renascença e outros como Bach, Haendel e Buxtehude, todos conhecidos e interpretados com grande categoria pelo Coral da União da Juventude Estudantil de Presidente Prudente.

Esse coral passou a integrar o Movimento Villa-Lobos com o nome de Coral Villa-Lobos de Presidente Prudente, apresentando-se então não só em outras cidades do Estado, como também em outros Estados e até no exterior.

MARIO DE ANDRADE

Depois de passar algum tempo no Departamento de Cultura, da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, entre 1971 e 1972, continuando o trabalho do Movimento da Juventude de São Paulo e dando sequência ao movimento de corais na Capital, em 1973, passando a exercer suas funções diretamente junto ao gabinete do prefeito, José Luis Paes Nunes instalou o Movimento Mario de Andrade.

Com muito mais autonomia, o Movimento Mario de Andrade, que é uma consequência de tudo o que já tinha sido feito pela Juventude, segundo José Luis, que diz que de certa maneira "é tudo a mesma coisa e tudo uma coisa só", pôde realizar naquele ano o I Festival do Natal. O Festival encerrou suas apresentações com um coro de 600 vozes, nas escadarias do Municipal. Ainda nesse ano, entre suas inúmeras realizações, o Mario de Andrade lançou o Coral Infantil da Juventude Musical de São Paulo, dirigido por Maria Antonieta D'Alkimin Bastos.

ESTADO E PREFEITURA

Este ano, absorvido pelo programa de interiorização da cultura, da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do go-

verno do Estado, o Movimento Mario de Andrade voltou a ganhar dimensão estadual, continuando a contar, ao mesmo tempo, com integral apoio da Secretaria da Cultura da Prefeitura.

Entre os resultados, enquanto em 1973 havia 600 vezes cantando nas escadarias do Municipal, no encerramento do Festival de Natal, 1.300 no ano passado, ontem à noite havia mais de três mil.

E já não são apenas os corais o objetivo do Movimento. Agora a Secretaria da Cultura está instalando núcleos regionais de atividade coral e sinfônica. Como este ano ainda é começo de governo, muita coisa não pôde ser feita. Mas o concerto de Haendel apresentado ontem à noite no Municipal é a expressão do que vai acontecer no ano que vem: a união cultural entre a Capital e todas as cidades do Estado. E o programa de ontem exprime este espírito da política de interiorização: de um lado, o Coral da Universidade de São Paulo (CORALUSP) e, do outro, a Orquestra da Universidade de Campinas (UNICAMP).

E, nesse sentido, estão sendo instalados os núcleos experimentais de atividades sinfônica, para os quais já foram designados cinco regentes titulares: Joel de Lima Genesio, para a região de Assis; Barros Garboggini, para a região de Franca; Carlos Viega, para a região de São Carlos; José Viegas Neto, para a região de São José do Rio Preto; e Henrique Gregori, para a região de Tatuí. As regiões são sempre escolhidas em função da sua potencia-

idade, dos seus recursos musicais e da sua localização. As prefeituras de cada cidade, por sua vez, é que vão colaborar com a efetivação e desenvolvimento desses núcleos, mantendo a própria linha desenvolvida pelo atual governo de São Paulo. A Secretaria da Cultura não dará nada de presente: vai incentivar e ajudar e promover. Mas cada Prefeitura terá de concorrer com o encargo que lhe competir.